

A DEMOCRATA

ENTREVISTA **AFONSO REIS CABRAL**

**"PREOCUPA-ME QUE AS BOAS
INTENÇÕES LEVEM A MÁS IDEIAS,
E QUE NÃO SE DENUNCIEM
AS MÁS IDEIAS POR CONTA
DAS BOAS INTENÇÕES
QUE AS SUSTENTAM."**

Pág. 12

CÂMARA ALTA

"Mudar Portugal Contigo"
por Luís Montenegro.

Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

Crítica gastronómico-conspirativa:
"Estrela, Lapa e Prazeres"
por Paulo Portas.

Pág. 8

LARANJA MECÂNICA

Todas as edições uma história icónica do PPD/PSD.
Este mês: "A Culpa é do Passos..."
por Zita Seabra

Pág. 18



EDITORIAL

A Democrata desta nova geração

A JSD sempre esteve comprometida com todas as gerações de jovens portugueses desde a sua fundação, depois da inicial revista “Pelo Socialismo”, tornada rapidamente em “Jovem Reformista” nome mais concordante com o espírito de um militante da Juventude Social-Democrata, e da última revista a “Quórum”, apresentamos agora “A Democrata”.

Com o claro objetivo de agitar as águas numa contemporaneidade que se deixou apanhar pelo facilitismo simplista no que toca a abordar os temas hodiernos. É por isso que queremos imprimir uma nova dinâmica capaz de criar condições para que a atual geração de portugueses consiga refletir com total acesso a mais pontos de vista políticos, culturais e sociais para o modo de pensar as estruturas da nossa sociedade.

Sabendo que o espaço político moderado, reformista, humanista, progressista, europeísta e ocidental, está a ser constantemente atacado por extremos paternalistas, que usam o berro em vez das ideias e que refutam em grande forma a nossa matriz atlântica e multicultural, “A Democrata” é assim um grito de novidade cultural desta geração, para divulgar ideias e informar a opinião pública das tendências da nossa área política.



LUÍS NUNES DOS SANTOS
DIRETOR

FICHA TÉCNICA

Proprietário: PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012
Editor: JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012 - Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa - jsd@jsd.pt - www.jsd.pt
Director: Luís Nunes dos Santos
Redação: Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa
Impressão: GRAFISOL - Artes Gráficas - Rua das Maçarocas Abrunheira Business Center n.º03 - Abrunheira - 2710-056 Sintra
Periodicidade: Mensal
Tiragem: 200

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

A DEMOCRATA

ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO
Pág. 5

CÂMARA ALTA
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA
Pág. 18

JSD LOOK & FEED
Pág. 22

AGENDA DE JUNHO/JULHO
Pág. 23

ENSAIAR O FUTURO
Pág. 24

LOJA JOTA
Pág. 28



ALEXANDRE POÇO
Presidente da JSD

O espaço público está bastante lotado, as publicações oriundas de organizações partidárias perderam o interesse, a captação da atenção das pessoas joga-se ao segundo, o vídeo curtíssimo é hoje rei e senhor, as redes sociais são a ágora deste tempo. É neste contexto desafiante que a JSD decide lançar uma revista, “A Democrata”.

A Democrata não é uma tentativa de correr atrás de um tempo anterior glorificado, mas antes uma iniciativa de futuro na qual daremos o nosso melhor para construir um espaço politicamente assumido e vincado de opinião, reflexão, divulgação, pergunta e resposta.

A Democrata será também inovação, tentativa e erro, utilização de formas clássicas e de novos e audazes formatos numa revista partidária, preservação e difusão do legado de 50 anos de atividade política da JSD, aposta nas opiniões conhecidas e nas menos conhecidas, conversa sobre histórias e espaço para linhas de pensamento do futuro, dos novos tempos.

Esperemos que quem nos ler, goste e volte.
A Democrata chegou. Longa vida!

SOBE E DESCE



JOÃO ALMEIDA

JOÃO GALAMBA

FICOU PARA A HISTÓRIA

“Eu devia ter amado a liberdade em todas as épocas, mas no tempo em que vivemos, estou pronto para a idolatrar.”

Alexis de Tocqueville
Pensador político, historiador e escritor francês.



MOULES AVEC FRITES



Paulo Rangel

A UCRÂNIA E A ADESÃO À UNIÃO EUROPEIA

Se alguém houvesse perguntado, há dois anos, se a Ucrânia poderia vir a aderir à União Europeia, diria, sem grandes hesitações, que se tratava de algo muito improvável e longínquo. Hoje, depois da invasão russa e, atrevo-me a dizer que a adesão é altamente provável e é mesmo desejável.

Antes da guerra, a corrente maioritária apontava para a “finlandização” da Ucrânia. A ideia seria apoiar a implantação de uma democracia liberal e de uma economia de mercado com fortíssimas ligações à UE e ao Ocidente, mas sempre fora do quadro da UE e da NATO. Exactamente, a situação que tinha a Finlândia entre 1945 e 1995. Entretanto, não faltava quem sustentasse a entrada da Ucrânia na UE, mas nunca admitir que pudesse integrar a NATO. Tratar-se-ia de uma situação paralela à que a Finlândia e a Suécia viveram entre 1995 e 2023.

O advento da guerra mudou completamente a geopolítica europeia e mundial. E quando se perspectiva a Europa do pós-guerra, é necessário reequacionar o posicionamento da Ucrânia e o lugar da Rússia. Um ponto nos ensina a história: deve evitar-se a todo o transe qualquer humilhação do povo e nação russos. Não pode repetir-se o erro colossal de Versalhes em 1919. Mas é imperativo garantir a segurança da Ucrânia. Para isso, só um destino se afigura plausível: a integração rápida na UE. E torna-se cada vez mais claro que a adesão à NATO também estará em cima da mesa. Em Portugal, são muitas as vozes que estão contra o destino europeu da Ucrânia. A mais importante delas é a do Primeiro-Ministro António Costa,

que nunca perde uma oportunidade para mostrar a sua relutância, evidenciando óbices e obstáculos. Esta posição é errada e contrária não só os valores e interesses do mundo livre como também de Portugal. A guerra mudou a balança de poderes e se nós, na UE, não dermos uma resposta positiva às aspirações dos ucranianos, o país ficará num estado de grande vulnerabilidade. Os problemas na Europa não pararão. Acresce que, não sendo este alargamento uma intenção inicial da UE, ele tem o potencial de dar profundidade geopolítica ao projecto europeu. Num momento em que todos apelam à afirmação geopolítica mundial da Europa, esta será uma oportunidade de atingir esse desiderato. Depois, há sempre os inevitáveis velhos do Restelo. Primeiro, argumentam com a perda de fundos para Portugal; depois, chamam a atenção para que esta adesão significará uma viragem a leste da UE, tornando Portugal ainda mais periférico. É evidente que o alargamento postula uma reforma institucional e financeira que afrente aquele primeiro problema. Embora nunca seja demais lembrar que tem pouca ambição quem queira fazer de Portugal um país viciado em fundos europeus. E, quanto ao desvio para leste, não passa de uma ilusão. A generalidade dos países de leste são convictamente pró-atlânticos, defensores intransigentes de uma parceria com os Estados Unidos e com o Reino Unido. Pois bem, para Portugal, tudo o que reforce o empenho atlântico da UE é estrategicamente fundamental. É caso para dizer, como o Papa do Leste, João Paulo II: “Não tenham medo!”.

BIFES À SÃO BENTO



Joaquim Miranda Sarmiento

A DEGRADAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

A teoria económica é relativamente consensual naquilo que explica a riqueza e a pobreza das Nações. Ou seja, quando perguntamos as razões pelas quais países como a Suécia ou o Japão (que praticamente não têm recursos naturais) são ricos e desenvolvidos e países como o Zaire ou a Venezuela (que têm abundantes recursos naturais), são pobres, os dois fatores críticos são a qualidade das Instituições e a qualidade do Capital Humano e da Educação.

Sobre isso, livros como o de David Landes (“A Riqueza e a Pobreza das Nações”), de Neil Ferguson (“Civilization”), de David Acemoglu (“Porque falham as Nações”), ou mais recentemente de Koyama e Rubin (“How the World Became Rich”) (ou economistas como Robert Solow e Robert Barro), são claros a apontar esses dois fatores como os mais críticos. Naturalmente que fatores históricos e culturais são também importantes, sobretudo no sentido que moldam as Instituições e o Capital Humano.

Se eu tivesse uma lâmpada de Aladino que me concedesse dois desejos para Portugal, pediria sem dúvida, não dinheiro nem riqueza, mas instituições ao nível dos países nórdicos ou anglo-saxónicos. A qualidade das instituições e o rule of law são a condição primeira para um país se desenvolver. E pediria melhor qualidade na educação e o capital humano. Sem uma população muito instruída e uma grande ligação entre ciência, inovação e empresas, não pode haver, por um lado, instituições fortes, e por outro lado uma economia competitiva, assente na inovação e no elevado valor acrescentado. Como dizia Adam Smith, para a prosperidade de uma

nação bastam paz, impostos leves, boas instituições e leis e uma boa administração da justiça.

Portugal continua a ser um país com instituições que, regra geral, não são suficientemente fortes e independentes. Isto sucede na maioria dos casos, seja no sistema político, no sistema de justiça ou ao nível dos reguladores. O sistema político tem falhas graves. A Justiça é morosa e pouco eficiente. Os reguladores têm um papel limitado. Um estudo da Universidade do Minho conclui que melhorias na qualidade da regulação que permitissem alcançar o percentil 75 da UE e OCDE aumentariam a taxa de crescimento anual do PIB per capita português em 0,69 p.p., crescendo 7,3 p.p. ao fim de dez anos.

O novo modelo de crescimento tem de eliminar, ou pelo menos de reduzir substancialmente, os «estrangulamentos» à economia nacional, e tem de apontar para compromissos dentro de quatro prioridades: 1) Reformar as instituições, dando-lhes força, credibilidade, independência e maior eficiência; 2) Apostar na educação e no capital humano; 3) Aumentar a competitividade da economia, apontando para uma mudança de paradigma que tenha em vista a digitalização e a disrupção provocadas pelas novas tecnologias, bem como a transição climática e ambiental que marca o nosso mundo, criando uma sociedade e uma economia mais sustentáveis; 4) Combater o «inverno demográfico».

Só assim conseguiremos fazer os Portugueses acreditar de novo no futuro e em Portugal! Cumprindo o Mandamento não escrito que nos deve guiar: “Darás aos teus filhos mais e melhor do que o que recebeste dos teus pais”.

CÂMARA ALTA

MUDAR PORTUGAL CONTIGO

Por Luís Montenegro

Quando um país perde a sua juventude, perde futuro.

A situação é dramática. Bem sei que não é com pessimismo que vamos lançar uma nova ambição para Portugal. Mas temos de ser realistas.

Os jovens portugueses são, em toda a Europa, os que mais tarde se emancipam e autonomizam. Cerca de 75% têm um rendimento mensal inferior a 1000 euros e muitos milhares continuam a emigrar todos os anos.

O elevador social português avariou e, mesmo com melhores qualificações, os jovens não encontram, em regra, empregos e oportunidades compatíveis com os seus objetivos. Sempre com dificuldades acrescidas para as mulheres face aos homens, a nossa população jovem é vítima de anos de estagnação económica, de desinvestimento nos serviços públicos, de impostos asfixiantes e de obstáculos à natalidade desejada. É urgente inverter esta trajetória, este legado socialista.

O PSD está focado em mudar Portugal CONTIGO.

Temos uma Agenda Geracional, com políticas públicas arrojadas e diferenciadoras. Uma agenda que aposta nas pessoas, no capital humano e na formação. Mas que não fica a contemplar os problemas. Uma agenda que abre horizontes e desenha soluções.

Serviços públicos, fiscalidade, revisão constitucional e habitação. Quatro eixos para dar à juventude portuguesa uma Nova Esperança e uma Nova Ambição.

Os serviços de saúde caóticos, a falta de médicos de família; os alunos que não têm professor nem recuperam aprendizagens perdidas com a pandemia e com a instabilidade escolar; a ausência de uma política cultural geradora de conhecimento, de formação plena e democrática e a inexistência de um plano sério de fomento e desenvolvimento das práticas desportivas enquanto elemento de promoção da saúde física e mental; são os resultados de sete anos e meio de políticas públicas estatizantes e castradoras quer do investimento público, quer da complementaridade dos setores social,

associativo e privado.

Este panorama não oferece bem-estar, impede a retenção dos jovens e desincentiva as novas gerações a darem o passo que desejam em termos de maternidade e paternidade.

O mesmo sucede na fiscalidade, razão pela qual propomos um IRS máximo de 15% para jovens até aos 35 anos, entre outras medidas fiscais que aliviem uma carga asfixiante para pessoas e empreendedores.

No processo de revisão Constitucional, sustentamos de forma coordenada uma conciliação entre a solidariedade inter-geracional, a garantia de serviços públicos eficientes e acessíveis, a remoção de obstáculos à natalidade desejada, a moderação fiscal, a sustentabilidade ambiental e o exercício de direitos políticos e cívicos.

A criação do Conselho da Coesão Territorial e Geracional, a inclusão da justiça inter-geracional nas tarefas fundamentais do Estado, a garantia de acesso universal e gratuito a creches, ou o reconhecimento do direito de eleger a partir dos dezasseis anos, são alguns exemplos da transformação que defendemos para Portugal e para as novas gerações.

Nas políticas de habitação, outra lacuna escandalosa da governação socialista, seja no que concerne ao alojamento estudantil, seja no acesso ao mercado de arrendamento e aquisição de casa, o PSD não esperou nem espera pelo Governo. Realço, em especial, as nossas propostas para co-financiar o arrendamento e para viabilizar a aquisição através de isenções de IMT e imposto de selo, e outrossim da garantia pública ao financiamento bancário a 100%.

Deixo, finalmente, uma palavra de reconhecimento ao Alexandre Poço e à JSD pela iniciativa de lançarem esta revista, preenchida de qualidade, ousadia, modernidade e irreverência.

Estamos juntos para mudar Portugal CONTIGO.

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

ESTRELA, LAPA E PRAZERES

Por Paulo Portas

A política tem lugares, os lugares têm memória e só a memória reconstitui um bilhete de identidade. Agora que nasce *A Democrata*, achei graça à ideia de me lembrar de itinerários e episódios daquela que foi a minha primeira dedicação política: o universo do então PPD, magnífico herdeiro da Ala Liberal, opção dos que celebravam as liberdades europeias e porto de abrigo dos que temiam – com razão – a fúria do PREC.

Esta simpatia de *A Democrata* também se deve a um exercício de genealogia dos jornais de militância. A revista é herdeira longeva do *Jovem Reformista*, e ainda, do mais antigo *Pelo Socialismo*, suplementos “jovens” que se editavam no semanário do Partido, o *Povo Livre*. Por vicissitudes e ironias da

minha militância na JSD, em vésperas de um Congresso, descobriu-se tardiamente que não tinha idade legal para ir numa lista candidata à direcção; e depois a direcção pediu-me para ir editar o suplemento. O *Pelo Socialismo* não demoraria a ser *Jovem Reformista* e no entretanto fiz a edição com gosto, aquela mistura de novidade, combate e risco que tinham todos os empenhamentos nos primeiros anos de Abril.

Na minha memória, a sede nacional da JSD ficava num anexo do célebre quartel-general da Buenos Aires. Muita política desse tempo aconteceu entre a Estrela, a Lapa e os Prazeres, bairros onde vivia e desde sempre muito *laranjinhas*.



Lembro-me desse activismo editorial porque a minha consciência política nasceu de uma admiração juvenil (até hoje imutável) por Francisco Sá Carneiro. Ali perto da Buenos Aires, ficava a Assembleia da República, na Calçada da Estrela. Eu, miúdo e curioso, quando voltava do colégio, ia muitas vezes assistir nas galerias às sessões do Parlamento. Era tal a estupefacção com os acontecimentos – é terrível como a memória “selectiva” apaga a curtíssima distância a que Portugal esteve de uma ditadura comunista –, que deu e sobrou para aprender muito, pelo menos em doutrina e oratória. Estava longe de imaginar que seria, já adulto, deputado em sete legislaturas. Mas devo dizer que a qualidade dos debates e personalidades desse tempo marcaram para sempre a minha memória. Sempre gostei de um bom debate em São Bento: ainda hoje prefiro instituições a vanguardas e a democracia representativa, com os seus defeitos, à “democracia dos likes”, com as suas alegadas virtudes.

Nessa altura, não existiam os restaurantes que hoje há naquela zona. Curiosamente, a minha lembrança mais calorosa é a do bar dos Passos Perdidos, que ficava a poucos metros do hemiciclo, junto à banca de jornais. Havia uma inesperada mas natural cumplicidade naquele pequeno corredor: os mais temíveis adversários, às vezes apenas uns segundos após a refrega parlamentar, cruzavam-se para tomar um café (ainda me lembro do preço, manifestamente subsidiado). Nos quatro anos de uma legislatura, é inevitável uma certa *diplomacia parlamentar*, com um generoso sentido do que é a cordialidade depois do enfrentamento, amiúde com recurso ao sentido de humor, produtor de acalmias. Entre adversários, entre concorrentes, entre rivais. Aquele bar merecia um caso de estudo sobre a inclinação, muito Portuguesa e no essencial saudável, para não levar até às últimas consequências o orgulho e o dissabor.

Uns anos mais tarde, Portugal faria a sua primeira experiência de alternância, e a primeira AD – a fabulosa primeira AD –, chegava ao poder com maioria absoluta. Por essa altura, eu já trabalhava (uma obsessão que persiste: trabalhar e ser independente) mas nas horas livres tornei-me “frequentador” de outra morada das proximidades: a Gomes Teixeira, onde ainda hoje fica a Presidência do Conselho de Ministros.

Eram de uma grande tolerância comigo, já se vê: tinha 17 anos. Fiquei amigo, para a vida, de várias pessoas extraordinárias que trabalhavam no Gabinete (assim se chamava o andar do Primeiro-Ministro e dos seus colaboradores), onde se respirava profissionalismo, acção, pensamento e alegria (e sentido de humor, uma vez mais). Nessa encruzilhada, o que estava em causa – civilizar o regime, remover a tutela do Conselho de Revolução, recuperar a economia privada, estabilizar a relação transatlântica e, claro, abrir caminho à então CEE –, era tudo ou nada todos os dias. Foi um curso acelerado e prático sobre governação e gabinetes. Mal sabia eu que, vinte e tal anos depois, estaria a constituir gabinete na Defesa.

São amizades, testemunhos, intensidades e experiências que não desaparecem das nossas vidas, antes pelo contrário. Em política, nunca vivi uma *reserva de esperança* tão extraordinária como a de 1979-1980. Coincidência ou não, tudo se passou num território exíguo, entre ruas confinantes e trajetos rápidos. Suponho que é também essa memória que *A Democrata* quer recordar. Em boa hora!





DO PONTAL ATÉ À LAPA CRÍTICA CULTURAL

Simone de Beauvoir

Simone de Beauvoir (1908 - 1986) foi uma jovem desajeitada que se dedicou aos livros e ao conhecimento. Afirmou-se como escritora, intelectual, ativista política, feminista e teórica social francesa, recusando a condição de filósofa com uma influência significativa tanto no existencialismo como na teoria feminista.

Na sua leitura, apesar de complexa, revemos temas de maior importância enquanto Homens e Mulheres que servem a sociedade de forma livre, mas comprometida. Segundo Simone, a relação entre liberdade e moralidade é alcançada a partir do momento em que o Ser Humano busca a sua própria existência e, por consequência, a alcança. Esta simbiose da liberdade com a condição do sujeito resultaria numa moral ambígua, caso não estivesse dependente de

um conjunto de valores e de princípios constituídos. No existencialismo de Simone, os valores não são ditados para um homem impessoal, antes para a pluralidade de homens concretos, em situações e com finalidades singulares, onde tudo converge para a liberdade. O mundo não é algo fixo nem finito, vive de múltiplas e constantes interpretações e, assim, os factos brutos são poucos e menos relevantes do que os factos construídos.

“Por uma Moral da Ambigüidade”

de Simone de Beauvoir, por Ana Sofia Loureiro



Para Uma Moral da Ambigüidade foi publicado em 1947, dois anos antes de O Segundo Sexo. É um livro escrito sobre as ruínas da Segunda Guerra Mundial, que almejava inspirar e criar novos horizontes de esperança. Nesta obra, a autora pensou a ambigüidade da condição humana, onde defende que o Ser Humano se revela através da sua liberdade.

Simone revela, assim, que a liberdade e a autenticidade da ação são assumidas com o compromisso em relação aos outros e a cada um. Não é verdade que a liberdade do outro limita a nossa própria liberdade, antes a define e torna-se condição da mesma. É nesta relação que denotamos também um ato de generosidade que é dado quando nos relacionamos com os outros, criando ou reavivando laços de humanismo e afetividade.

É por este motivo que a moral existencialista da ambigüidade proposta por Simone demonstra a responsabilidade do homem pelo mundo e que lhe permitem racionalizar e construir respostas para a felicidade da Humanidade. Assim, podemos entender que o bem de um indivíduo (ou o bem coletivo) pode ser tomado como um fim autêntico para qualquer ação do Homem. É neste sentido que me ocorre a referência às palavras de Francisco Sá Carneiro quando referiu, durante o discurso de posse do VI Governo Constitucional, que “a pessoa é a medida e o fim de toda a atividade humana e a política tem de estar ao serviço da sua inteira realização”, sendo que “essa é a nova regra, o novo início, a nova meta”. Para entendimento, o propósito não é valorizar o Ser Humano como algo abstrato desvinculado do seu meio e da sua existência, mas sobretudo, com uma moral afirmada através de cada uma das singularidades de uma solidariedade universal que se cumpre na unidade dos Homens. É, neste momento, que recordamos Kant quando afirmava que a ação individual deveria sempre assumir um carácter universal.

Contudo, a moral existencialista renega causas determinadas previamente pela Humanidade. Neste sentido, não podem ser as ideologias vigentes que nos dizem qual o caminho a ser seguido

para cada ação. Por sua vez, a ação está dependente dos indivíduos em concreto e nunca deve o Homem ser secundarizado. É, por esta razão, que as escolhas políticas são sempre escolhas éticas, onde se criam oportunidades a partir de valores. As decisões jamais podem ser tomadas “com leviandade e precipitação” e o propósito é que “no conjunto, o mal que se inflige, seja inferior àquele que se evita”, tal como refere Simone. É somente quando agimos segundo valores que eliminamos o sentido ambíguo de várias situações complexas e, ao mesmo tempo, evitamos prejuízos tanto à individualidade como à coletividade.

Em suma, o que Simone deseja – e eu reafirmo – é uma existência plena, inserida no mundo real e relacionada com ele. Propõe que a liberdade de cada indivíduo conduza às ações que afirmam a nossa existência e que pressupõe incerteza, risco e possibilidade de erro. Contudo, é apenas desta forma que somos verdadeiramente livres, podendo criar valores, através da confirmação e da relação com os outros, sempre com a certeza: qualquer ação assumida sem o outro é inútil e absurda. Segundo Simone, é no seio desta liberdade que o Ser Humano (e qualquer político) gera responsabilidade sobre as ações, cabendo “ao Homem fazer com que seja importante ser Homem”, podendo apenas ele “experimentar o seu êxito e fracasso”. Ora, sabemos que quase 80 anos após a escrita deste livro, poderíamos afirmar que o ensaio permanece muito atual, porque há dados inequívocos desde o início da nossa história: o Homem enquanto Homem-entre-os-Homens deve ser sempre o epicentro de qualquer ação política.



“A LIBERDADE É DOLOROSA, EXPÕEM-NOS. A LIBERDADE É EXIGENTE, OBRIGA-NOS. A LIBERDADE É CONFLITUOSA, IMPLICA-NOS.”

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA

ENTREVISTA

AFONSO REIS CABRAL

Aos quinze anos publicaste o livro de poesia Condensação. Desde então, a poesia nunca mais voltou a fazer parte da tua produção literária. Há alguma razão para o abandono da poesia na tua obra?

Simplesmente não era poeta. A poesia cativava-me como uma ilusão. Nessa altura, pensava que era realmente poeta, embora um dos grandes dramas da minha vida fosse, a certa altura, decidir se continuaria poeta ou se seria escritor. Ou seja, romancista. Digo “drama” como diria que para uma criança é um drama perder um brinquedo. Mas de facto a ilusão daquela escrita deu-me treino. Andava por aí com uma pasta cheia de maus poemas que eram boas ilusões. Era uma pasta física, debaixo do braço, mas tinha também uma pasta no computador com o nome “alter ego”. Eu assumia que a escrita vinha de um outro eu, até porque em plena infância escrevia sobre a angústia da infância perdida. No fundo, estava a parafrasear leituras.

De onde vem o gosto e interesse pela escrita? Sabemos que não gostas de referências genéticas ao teu trisavô quando se fala do teu percurso, mas em casa na infância, esse facto familiar teve importância?

O gosto pela escrita vem sempre do gosto pela leitura. Esse gosto, esse entusiasmo, e mais tarde essa necessidade, faz-se em muitos casos sem qualquer contexto familiar. Eu tive a sorte de ter livros em casa, só isso. A sorte de ter pais leitores, e portanto a facilidade de aceder aos livros e de falar sobre eles. Mas também os procurei nas bibliotecas, nas ruas, mais ou menos por todo o lado, na medida em que a literatura não está contida só no papel. Depois de a descobrir nos livros, descobri-a fora deles. Algures nesse processo, estiquei a mão e apanhei para mim qualquer coisa. Agora tento manter essa coisa. Quer dizer, tento fazê-la crescer. É como que uma parte separada de mim. Talvez semelhante ao amor, que exige que o alimentemos sempre. Se não crescer, morre.

Qual o momento mais importante da tua vida literária?

Talvez quando consegui escrever as Terras da Batalha, um livro que fiz no sexto ano para a aula de História. O professor pediu-nos um texto sobre as invasões francesas, e eu respondi com uma ficção inspirada em factos. Lembro-me do esforço alegre de escrever aquilo, de criar personagens e pô-las no centro da acção. Penso que aí descobri como era bom acabar um livro. Mais tarde, foi também bom o momento de acabar O Meu Irmão.

É possível identificar de forma óbvia um movimento literário com a tua obra?

Não tenho grandes ideias sobre isso, para dizer a verdade. Penso que tudo o que se escreve de há uns anos para cá cabe no conceito de pós-modernismo, que é coisa nenhuma. Não vivemos de facto perante grandes movimentos ou muito menos escolas, e parece-me que inclusive no futuro será difícil fazer o retrato desta época. Aliás, a fragmentação talvez ajude a defini-la. Na literatura e fora dela. A ideia de que o percurso de cada um é de responsabilidade exclusiva sua, um pequeno mundo não comunicante. Talvez qualquer coisa como individualismo digital. Na literatura não sei se haverá equivalência a isto, mas vemos por exemplo a preponderância da primeira pessoa. Escrevem-se hoje poucos livros na terceira pessoa. É cada vez mais difícil prescindirmos de uma voz identificada com o eu, mesmo que não nos pertença, mesmo que seja de um personagem.

Há alguma curiosidade relativamente ao teu processo criativo? Quando comesças uma estória já sabes para onde circulará e qual o seu fim?

Gosto de fazer mind maps, esboços, e em geral tenho montadas todas as cenas principais. Gosto de pensar por cenas, ou seja, grandes movimentos de acção e de personagens. Vejo uma certa poética nisso. Quando desço aos pormenores, prefiro não inventar. Já persegui pessoas na rua para escrever sobre isso. Felizmente não perceberam que tinham alguém atrás delas.

Tirando o último livro, mais focado numa viagem pelo país, "Leva-me Contigo", os dois anteriores – O Meu Irmão e Pão de Açúcar - focam-se em situações de margem, de desigualdades, dramas sociais, os excluídos da sociedade.

São estas as estórias que mais te motivam a refletir e escrever?

As situações de exclusão põem a nu a natureza humana, expõem-na no seu pior, no seu mais violento, mas também no seu melhor. A ambiguidade de algumas situações, por exemplo, na reacção à deficiência, em relação à qual tantas vezes se manifesta a desconfiança mas também o amor, é frequentemente uma ambiguidade literária. A escrita parte de uma enorme empatia por quem é excluído e marginalizado, mas também por um enorme interesse em trabalhar as nuances, particularmente através de narradores que dizem tentar o bem mas que falham. Narradores que nos confessam o inconfessável e que demoram a fazê-lo. Por outro lado, os extremos servem de pedra-de-toque. As personagens têm de se definir, mesmo que ao fazê-lo revelem uma ambiguidade muitas vezes intolerável.

Em 2014 venceste o prémio LeYa com o romance O Meu Irmão. Em 2019 venceste o Prémio Literário José Saramago com o Pão de Açúcar. O que tens a dizer deste reconhecimento da tua obra?

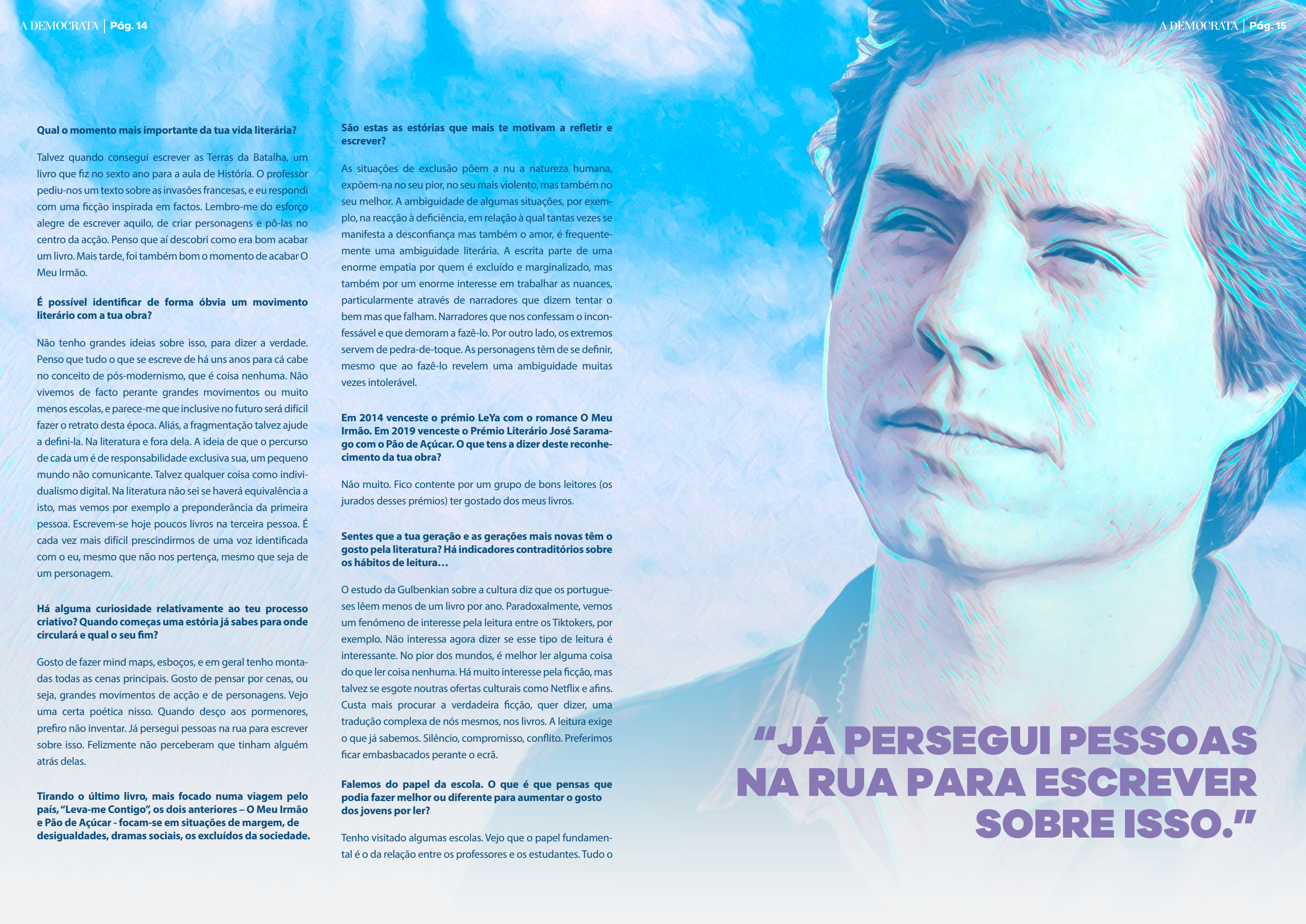
Não muito. Fico contente por um grupo de bons leitores (os jurados desses prémios) ter gostado dos meus livros.

Sentes que a tua geração e as gerações mais novas têm o gosto pela literatura? Há indicadores contraditórios sobre os hábitos de leitura...

O estudo da Gulbenkian sobre a cultura diz que os portugueses lêem menos de um livro por ano. Paradoxalmente, vemos um fenómeno de interesse pela leitura entre os Tiktokers, por exemplo. Não interessa agora dizer se esse tipo de leitura é interessante. No pior dos mundos, é melhor ler alguma coisa do que ler coisa nenhuma. Há muito interesse pela ficção, mas talvez se esgote noutras ofertas culturais como Netflix e afins. Custa mais procurar a verdadeira ficção, quer dizer, uma tradução complexa de nós mesmos, nos livros. A leitura exige o que já sabemos. Silêncio, compromisso, conflito. Preferimos ficar embasbacados perante o ecrã.

Falemos do papel da escola. O que é que pensas que podia fazer melhor ou diferente para aumentar o gosto dos jovens por ler?

Tenho visitado algumas escolas. Vejo que o papel fundamental é o da relação entre os professores e os estudantes. Tudo o



**"JÁ PERSEGUI PESSOAS
NA RUA PARA ESCREVER
SOBRE ISSO."**

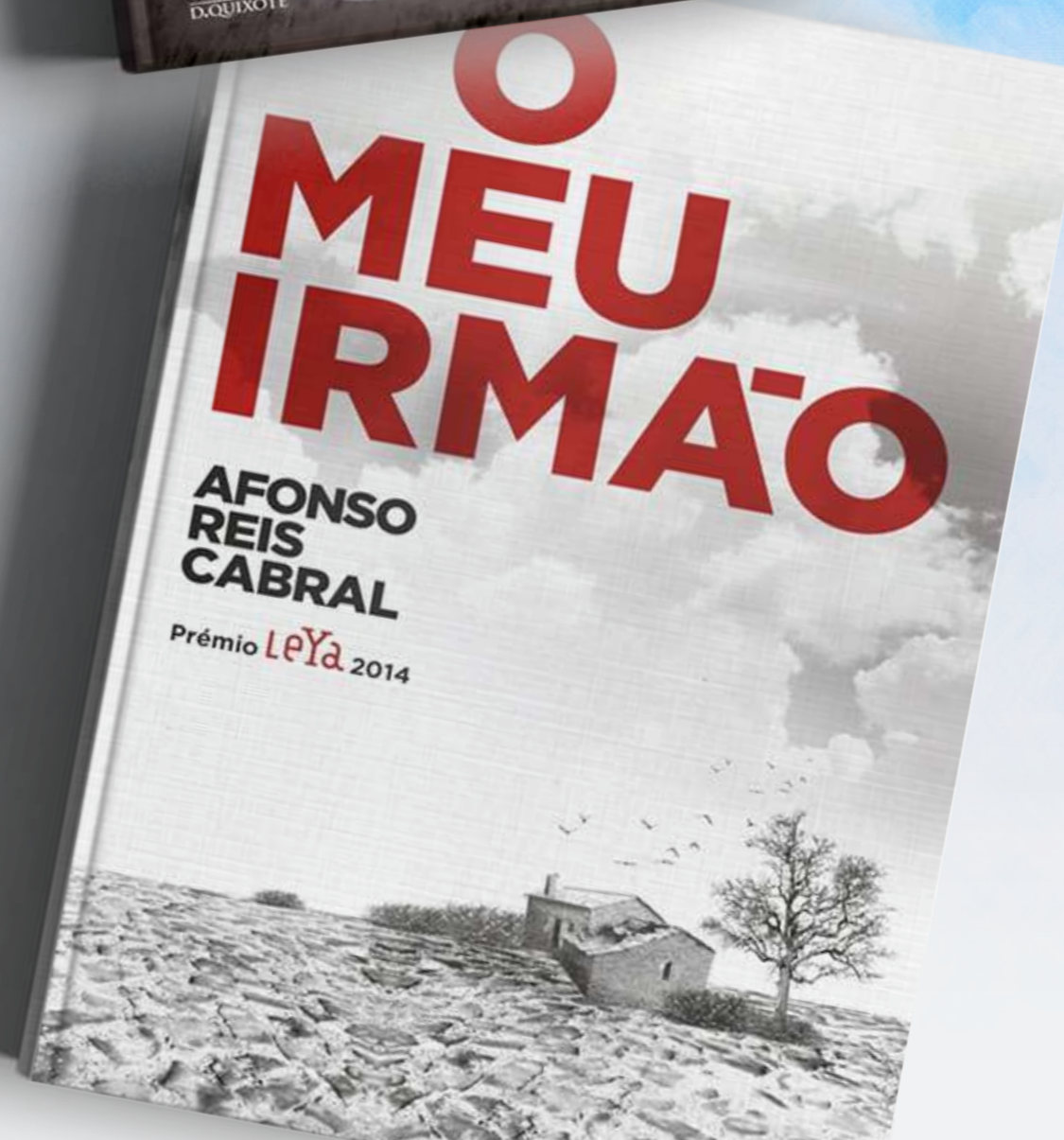
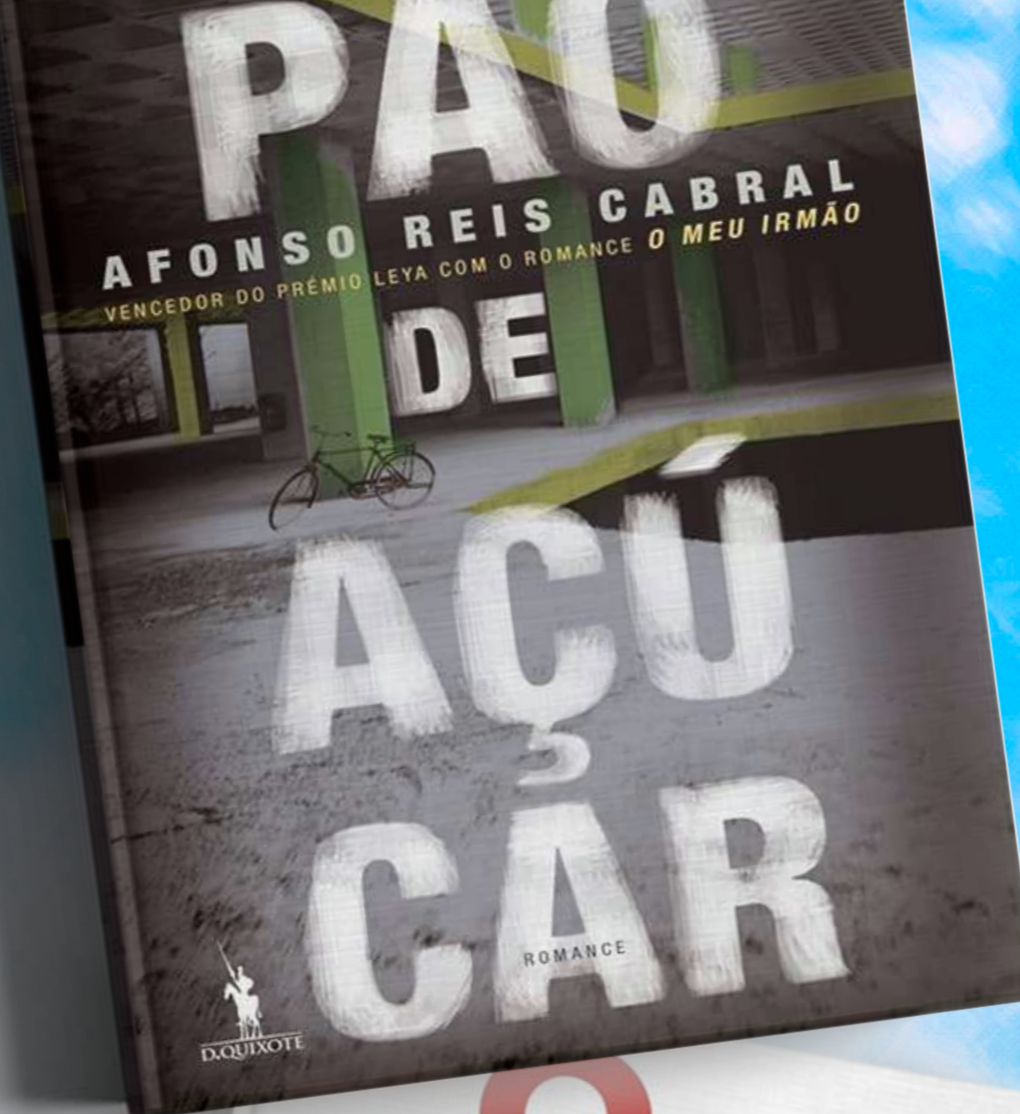
mais é bonito, pode servir para encher os olhos, mas sem esta relação não vamos a sítio nenhum. Vi escolas muito bem equipadas e cheias de propostas pedagógicas com alunos desmotivados. E outras, em que se esperaria mais cansaço, com alunos plenamente empenhados. Depende quase sempre do encontro feliz entre alunos e professores. Sei bem que aos professores são impostas imensas limitações, sei bem do desgaste e da preocupação constante com a carreira. A excessiva burocracia, a pouca liberdade, obrigam muitas vezes os professores a dedicar mais tempo a inutilidades do que aos alunos. Temos de dar mais espaço à autonomia e à relação professor-aluno. Por outro lado, talvez fosse interessante apostar numa maior versatilidade das bibliotecas escolares, muitas vezes o único local onde os alunos encontram livros. Mais orçamento para a compra de livros, mais orçamento para iniciativas.

Preocupa-te o movimento em curso de reescrita de livros, com novas edições expurgadas de palavras e situações, que tem vindo a caracterizar os últimos tempos? Achas que um dia chegará à tua obra?

Esse movimento, na sua raiz censório, não é muito diferente de outros movimentos censórios do passado que visavam proteger e educar as massas. Não é muito diferente nas suas consequências, embora seja muito diferente na sua génese. Preocupa-me que as boas intenções levem a más ideias, e que não se denunciem as más ideias por conta das boas intenções que as sustentam. Claro que muitos outros factores contribuem, como a especial sensibilidade do mercado a assuntos encarados como polémicos. O medo de verem a sua empresa envolvida numa polémica tem levado algumas editoras a cortar e adaptar clássicos da infância, mas também já obras como as de Agatha Christie. Se nos primeiros há a desculpa de se tratarem de livros para crianças, nos outros nem essa desculpa há. O que distingue Agatha Christie de Shakespeare e de Camões? Não eram eles também ofensivos de acordo com os padrões da actualidade? O passado está cheio de escritores problemáticos.

Na tua opinião, o que revela esta situação de nós enquanto comunidade? Tens receio que acabe a moldar a escrita futura dos escritores contemporâneos?

Revela uma sociedade infantilizada que se vai esquecendo aos poucos das consequências da liberdade. A liberdade é tanto nossa como do outro. A liberdade é dolorosa, expõem



-nos. A liberdade é exigente, obriga-nos. A liberdade é conflituosa, implica-nos.

Recentemente, foi notícia que não conseguiste publicar um livro nos EUA por um motivo surpreendente. Vivemos tempos de um novo tipo de censura no meio literário?

Quando a polémica à volta desse caso se deu, escrevi um artigo no Público a encerrar o assunto. Prefiro remeter para ele.

Lemos numa biografia que trabalhaste numa vacaria, num escritório de turismo e num alfarrabista. Se não fosses escritor, a qual das três profissões voltavas?

Voltava a trabalhar numa vacaria ou no campo. Tenho alguma vocação para a solidão activa no meio da natureza. E adoro o cheiro a estreme.

Qual a tua parte favorita da Estrada Nacional 2?

Estive muito só na estrada, mas também muito acompanhado. Os melhores momentos foram os de encontro. Os encontros inesperados com pessoas, algumas que mais tarde se tornaram amigas, e encontros com paisagens inesperadas. Alguns destes encontros foram muito parecidos com algo sublime. Muito parecido com o espírito não ter amarras, estando tanto dentro de mim como a quilómetros de distância, ele todo sobre a paisagem, ou então extravasado para a alegria da conversa fortuita com alguém. Também eram momentos de infância, quase como se regredisse a ela, e não houvesse desconfiança nem reservas nem medos. Tudo isto é um bocado poético e um bocado circunstancial também. Mas a estrada ensinou-me a viver a poesia das circunstâncias.

Lançaste o teu último livro há quase 4 anos, em 2019. Tens estado numa pausa ou está para breve o próximo romance? Podemos saber do que tratará?

Prognósticos nem no fim.

AFONSO REIS CABRAL
ESCRITOR

LARANJA MECÂNICA

Todas as edições uma história icónica do PPD/PSD.

“

A CULPA É DO PASSOS...”

por Zita Seabra

É um desafio difícil escolher um momento icónico da história do PSD. Optei por aquele tempo em que, após os governos socialistas de Sócrates deixarem Portugal à beira do colapso económico, social e financeiro, o PSD chega ao governo: o XIX Governo Constitucional que teve início a 21 de Junho de 2011, com Pedro Passos Coelho como Primeiro-Ministro. Vínhamos dos anos Sócrates em que o país tinha sido bombardeado diariamente por notícias, artigos de opinião e comentadores, elogiando o governo, particularmente o Primeiro-Ministro. Enchiam-se páginas e ecrãs de sucessos nunca vistos, premiavam-se gestores fantásticos de empresas públicas e privadas, anunciavam-se obras, negócios únicos que espantavam cá dentro e lá fora. As PT's, o BES, ou as empresas de alta tecnologia levavam-nos ao futuro. Ficaram célebres, por exemplo, os computadores de seu nome Magalhães, que Sócrates vendeu pessoalmente ao ditador Hugo Chávez para informatizar a Venezuela. Vivíamos no melhor dos mundos, graças “ao grande líder” que nos guiava dia e noite. Mas, felizmente, em vez de atirar mísseis constava que atirava apenas telemóveis contra paredes da casa propriedade do seu amigo, ou talvez isso acontecesse numa das casas herdadas da fortuna materna.

Sócrates desfazia-se em promessas, em sucessos e dava entrevistas com uma arrogância que metia no bolso qualquer diva caprichosa de Hollywood. “Quem se mete com o PS leva”, assim nasceu a famosa frase icónica de Jorge Coelho.

As vozes na imprensa, na academia, na oposição foram em demasiados casos silenciadas e, por vezes mesmo, compulsivamente impedidas de escrever, ou afastadas de programas na televisão. O PS tinha maioria absoluta e mostrava-o bem. Perdeu-a nas eleições seguintes em 2009, porque o país começou a perceber o desastre que aí vinha. Estávamos nos 700 mil desempregados, com os credores à porta, sem nenhuma credibilidade internacional.

O país passou a viver num misto de escândalos de corrupção envolvendo governantes e gestores das maiores empresas portuguesas privadas e públicas, com novo-riquismo da classe governamental, dando forma a um regime muito mais latino-americano que a uma verdadeira democracia liberal ocidental.

No segundo ano do segundo governo de Sócrates, as tentativas de esconder o caminho inevitável para o default foram o dia-a-dia até 2010/11, logo a seguir às eleições que o PS ganhou sem maioria absoluta. Neste trágico ano, não mais foi possível aos socialistas e em particular a Sócrates esconder a gravidade da situação. O Orçamento de Estado, elaborado por Teixeira dos Santos, não foi suficiente para dar confiança aos mercados internacionais de quem dependemos.

Em desespero, o governo começa a apresentar PEC's (Programa de Estabilidade e Crescimento). PEC 1, seguido do PEC 2, seguido do PEC 3... Pedro Passos Coelho anunciou então que não votava mais nenhum PEC (o 4). Tinha-o o feito, como sempre na sua vida política, em nome do superior interesse nacional.

Sócrates anunciou ao país a chamada da Troika e divulgou um plano de austeridade nunca visto. A 3 de Maio de 2011, o país conhece o acordo com a Troika que trouxe 78 mil milhões de euros a troco de "corte nas pensões, na saúde, na educação, nas prestações sociais, aumento do IRS sobre as pensões e do IVA, entre outros impostos" (cito do memorando que está online).

No seguimento, o PSD ganha as eleições e Passos Coelho é empossado Primeiro-Ministro de um país a um passo da banca rota, temendo-se que, em qualquer momento, não se conseguisse pagar as reformas ou os salários da Função Pública.

José Sócrates, esse, foi para Paris para o apartamento de luxo que vem a explicar pertencer ao amigo e, mais tarde, faz o balanço da vida parisiense: "Fui muito, muito feliz nestes dois anos. Entreguei-me ao que os filósofos chamam de vida contemplativa por oposição à vida ativa" (sic). Ele a contemplar em Paris e o país a pagar os desvarios, a corrupção, as dívidas, e a contemplar o BES, a PT, o caso Sócrates e todos os outros.


O governo Passos Coelho meteu mãos a um dos mais difíceis e complexos trabalhos de um governo no pós-25 de Abril. Foi duro, mas o governo PSD/CDS conseguiu que a Troika terminasse o trabalho com uma saída limpa.

Fez as mais corajosas reformas que criaram condições para pôr o país em crescimento económico e criar emprego. Reformou a economia, o Estado, o Poder Local (impedindo o endividamento das autarquias e acabando com empresas municipais fictícias). Mudou a legislação laboral, permitindo reverter os índices de desemprego, fez a lei dos solos e, nessa sequência, reformou arrendamento, abrindo-o ao alojamento local e renovando assim completamente o decadente centro das grandes cidades e permitiu um enorme salto na vinda de turistas. Reformou o ensino numa perspectiva de rigor e mérito. Reformou a concorrência e numerosos sectores do Estado. Privatizou a TAP e a EFACEC, entre outras soluções para empresas eternamente deficitárias e mal geridas e enfrentou o caso BES, entre muitos outros. Tudo em quatro anos.

Democratizou a sociedade e a economia, anulando protecionismos de alguns em desfavor de todos. Foram quatro anos de reformas estruturais, corajosas, a enfrentar problemas e a resolvê-los, do Governo Passos com uma notável equipa de ministros, alguns dos melhores que Portugal já teve.

Sim, a culpa é do Passos por ter demonstrado em tão pouco tempo que o país pode ser bem diferente, como, aliás, já feito o governo de Sá Carneiro que, em menos de dois anos, mudou a vida nacional. No futuro será assim também.

Zita Maria de Seabra Roseiro
Política e editora literária



**"O GOVERNO PASSOS COELHO
METEU MÃOS A UM DOS MAIS
DIFÍCEIS E COMPLEXOS
TRABALHOS DE UM GOVERNO
NO PÓS-25 DE ABRIL."**

JSD LOOK & FEED



O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fique a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!



Acompanhe as nossas redes



AGENDA

FIQUE A PAR DAS NOSSAS INICIATIVAS



Volta Nacional do Ensino Secundário e Superior

A JSD arrancou recentemente a volta nacional do Ensino Secundário e Ensino Superior com a presença em escolas, faculdades e politécnicos. Depois de Porto, Setúbal, Algarve, Castelo Branco e Lisboa, continuaremos a estar na estrada.



Congresso do YEPP

Realiza-se em Braga o XIV Congresso do YEPP, a Juventude do Partido Popular Europeu. A JSD acolhe as suas congéneres europeias na reunião magna do YEPP que reelegerá Lídia Pereira para um novo mandato.



49 anos e início dos 50 anos da JSD

Está quase a chegar mais um aniversário da JSD. Este será especial! Ao comemorarmos o 49º aniversário da JSD, entraremos num ano de celebrações dos nossos 50 anos, honrando o passado, mas sempre com os olhos postos no futuro da juventude portuguesa.



Chão da Lagoa

Em ano eleitoral na Região Autónoma da Madeira, aproxima-se a verdadeira festa popular do PPD/PSD Madeira, o Chão da Lagoa.



♥ 1392
O post com mais interações de maio

TOP 5 Conteúdos do mês





ENSAIAR O FUTURO

«Em bom rigor, o mundo era tão simples: um único adversário, mais ou menos compreensível, dirigido a partir de um centro único, e cujo único objectivo nos seus anos finais (sem contar com algumas excepções previsíveis) era o de manter o status quo. Ao mesmo tempo, a existência deste adversário agregou o Ocidente, pois ao enfrentar este perigo global e tão bem delimitado, foi sendo capaz de alguma forma de concertar uma abordagem comum. Tudo isso desapareceu. Subitamente, o mundo tornou-se excepcionalmente complexo e muito menos inteligível. A ordem antiga colapsou, mas ninguém foi ainda capaz de criar uma nova.»

Vaclav Havel, «A Call for Sacrifice»,
in *Foreign Affairs*, 1994.

A NECESSIDADE DE ESTARMOS ATENTOS AO MUNDO

Por Raquel Vaz-Pinto

O desafio lançado pelo Alexandre Poço foi prontamente aceite, mas confesso que tive imensa dificuldade na escolha. À cabeça, a defesa e promoção da democracia liberal face aos extremos iliberais em Portugal, na Europa e no resto do mundo. Este é um assunto incontornável que não vai «desaparecer» do nosso quotidiano. Nem por sombras. Depois, pensei na República Popular da China e como é tão abrangente a sua influência no mundo e como já é e continuará a ser o grande desafio que as democracias liberais enfrentam em tantas dimensões. Umas mais óbvias como os direitos humanos e o alinhamento externo com outras ditaduras e democracias iliberais, outras menos, mas igualmente importantes tais como a inteligência artificial, as terras raras ou a rede 5G. De seguida, a Guerra de sobrevivência que a Ucrânia enfrenta face à Rússia. Virou o mundo do avesso e é daqueles momentos nos quais podemos mesmo usar o cliché: «nada vai ser como dantes».

Acabei por optar por algo que é subjacente a todos estes desafios: a necessidade de estarmos atentos ao mundo e a tentação humana e natural de considerarmos a política internacional como «distante». Bem sei que ser professora de Relações Internacionais me pode ter influenciado (ligeiramente) nesta escolha, mas considero que este é o desafio principal e subjacente às nossas análises e modo de entender o que se passa à nossa volta. Foi esta a razão de ter começado com esta citação de Vaclav Havel, um dos meus pensadores favoritos, cuja descrição do seu mundo em 1994 parece que foi escrita, na verdade, em 2023. Três décadas depois continuamos com esta sensação de que «o mundo se tornou excepcionalmente complexo e muito menos inteligível».

Então, como tentar descortinar uma grelha de leitura e ferramentas que nos ajudem a navegar por entre toneladas de informação, contra-informação e desinformação nos media e nas redes sociais? Bem, avanço três sugestões.

Em primeiro lugar, estabelecer a rotina de fazer uma ronda pelos principais jornais internacionais escolhendo os mais credíveis e com inclinações quer à esquerda quer à direita. Não imaginam o interessante que é fazer o exercício de compreender, em primeiro lugar, o que é merecedor de destaque nos jornais pelo mundo fora. O que é notícia no Japão, pode não ser no Qatar ou no Brasil. Mas é importante ter essa fotografia do que os vários «mundos» consideram prioridade. E depois comparar a mesma notícia e os aspectos que são destacados nas várias geografias.

Em segundo lugar, ler artigos, ensaios e livros. Sejam clássicos como Heródoto, Tucídides, Plutarco ou Tácito, sejam autores contemporâneos (uma das regras da minha vida é não deixar passar nenhuma oportunidade de incluir os Antigos Gregos e Romanos). E, perante um determinado tema, ler argumentos diferentes. Esse combate de ideias é fundamental. Neste momento, alguns dos meus leitores estão a pensar: e como é que eu arranjo tempo? Bem sei que não é fácil num mundo no qual o ritmo do dia-a-dia é frenético e sempre a mil à hora. Mas, tentar encontrar uma hora por dia para fazer este exercício de leitura dos jornais internacionais faz mesmo toda a diferença.

Em terceiro lugar, sair da bolha europeia e procurar conhecer pessoas por esse mundo fora que lutam pela Liberdade. Nomes como Liu Xiaobo, Shirin Ebadi ou Maria Ressa, para

“SAIR DA BOLHA EUROPEIA E PROCURAR CONHECER PESSOAS POR ESSE MUNDO FORA QUE LUTAM PELA LIBERDADE.”

destacar vários Prémios Nobel da Paz. Olhando para uma geografia mais próxima conhecer seres humanos extraordinários como Vladimir Kara-Murza, que foi agora «condenado» a 25 anos de prisão em Moscovo. As suas palavras ao Tribunal são um murro no estômago:

«Estou na prisão pelas minhas opiniões políticas. Por falar publicamente contra a guerra na Ucrânia. Pelos muitos anos de luta contra a ditadura de Vladimir Putin. (...) Subscrevo cada palavra que disse e cada palavra de que fui acusado por este tribunal. Só me culpo pelo seguinte: por não ter sido capaz ao longo dos anos da minha actividade política de convencer os meus compatriotas e políticos em número suficiente nos países democráticos do perigo que o actual regime no Kremlin representa para a Rússia e para o mundo. Hoje, isso é óbvio para todos, mas a um preço terrível – o preço da guerra. Nas últimas declarações ao tribunal, os réus geralmente pedem a sua absolvição. Para alguém que não cometeu qualquer crime, a absolvição seria o único veredicto justo. Mas, eu não peço nada a este tribunal. Eu já sei qual vai ser o veredicto. Soube-o há um ano quando vi pelo espelho retrovisor pessoas com fardas e máscaras pretas atrás do meu carro. É esse o preço que se paga por falar a verdade na Rússia de hoje.»

Conhecer a vida destas pessoas, saber o seu nome e ser capaz de não as esquecer é um dever nosso enquanto democratas. Por último, quero fazer um apelo aos jovens que abraçam a política no nosso país: a de não deixar cair a luta pela igualdade não só de jure, mas também de facto entre homens e mulheres. Seja na representação política, seja na desigualdade salarial há muito para fazer no sentido da convergência

entre as leis e direitos no «papel» e a realidade.

Se por um lado, esta é uma das grandes conquistas da nossa democracia liberal pós-25 de Abril, por outro lado, há tanto ainda por fazer. Não sejam complacentes e nunca se sintam satisfeitos, pois é um dos grandes desafios de Portugal.

Para terminar, os meus sinceros parabéns à JSD pela iniciativa de abrir este espaço de reflexão. Mais do que bem-vindo, é necessário.

Raquel Vaz-Pinto, Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa

“NÃO SEJAM COMPLACENTES E NUNCA SE SINTAM SATISFEITOS, POIS É UM DOS GRANDES DESAFIOS DE PORTUGAL.”



RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



João Pedro Louro
Secretário Geral da JSD

1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?

A redução do IVA teve tanto impacto que continuo a levar marmita.

2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Morais ou Pedro Santana Lopes?

A minha mãe deserdava-me se não respondesse Pedro Santana Lopes.

3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou Fernando Medina?

Não sei se existe mal menor nestas duas opções mas Fernando Medina.

4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?

Carlos Moedas.

5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?

Ser Presidente do meu município.

6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?

Quando estamos convictos da nossa lealdade à democracia e à liberdade, não precisamos de branquear ou reescrever a história. Ponte António de Oliveira Salazar.

7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?

Qualquer uma destas opções é melhor do que um militar ou um Presidente da Assembleia da República.

8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?

Aníbal Cavaco Silva e Fernando Nogueira.

9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?

Pedro Passos Coelho. O pior ainda está para nascer.

10) Votou no seu presidente da secção do PSD?

Sim.

11) Se um governo PS o convidasse para ser presidente da TAP e fazer com ela o que quisesse aceitava?

Se pudesse privatizá-la no dia a seguir, aceitava.

12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.

Para almoçar, escolhia o Dinis Ramos porque, na Madeira, come-se bem. Para partilhar casa, já dormi tantas vezes com ele que escolhia o Alexandre Poço e, para fazer um retiro espiritual no Tibete, levava um dos deputados de Setúbal. Podia ser que algum quisesse ficar por lá (eles têm sentido de humor).

13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?

Excluindo dirigentes da JSD, André Coelho Lima.

14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?

Margarida Balseiro Lopes.

15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?

Fazer parte de um Governo de maioria absoluta durante 12 anos. A bem do país.

FAZER A DIFERENÇA

Projeto de lei da JSD sobre Habitação Jovem decidido até julho no Parlamento

O Projeto de Lei da JSD – “Habitação para Jovens – Alojamento Estudantil, Arrendamento para Jovens e Aquisição da Primeira Habitação Própria e Permanente” – foi aprovado na fase da discussão na generalidade e encontra-se até julho na fase de especialidade. São seis as propostas nesta iniciativa para a compra da 1ª casa, arrendamento jovem e alojamento estudantil.

Este é um primeiro passo importante para garantir novas soluções e respostas no âmbito do alojamento estudantil, no arrendamento jovem e na compra da primeira casa.

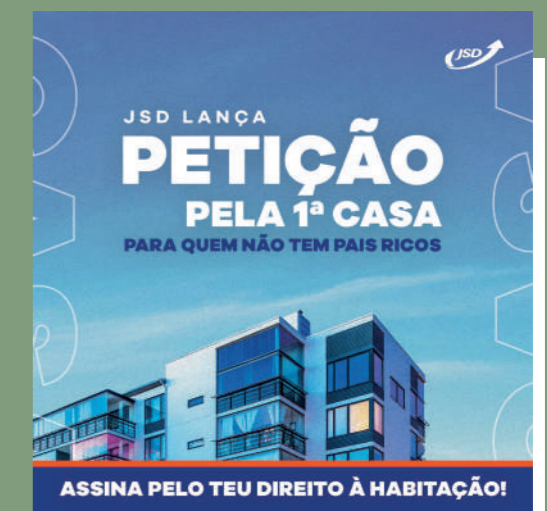


JSD avança com iniciativa para dar mais direitos aos trabalhadores-estudantes

A JSD vai dar entrada este mês de junho a uma iniciativa legislativa para defender todos os Trabalhadores-Estudantes, reforçando os direitos de quem estuda e trabalha ao mesmo tempo, protegendo os apoios sociais e aumentando o rendimento disponível. Através deste Projeto de Lei, a JSD propõe que os estudantes que sejam, em simultâneo, trabalhadores por conta própria, não percam o direito ao acesso às bolsas e apoios sociais, assim como prevê que todos os trabalhadores-estudantes fiquem isentos do pagamento das contribuições para a Segurança Social, aumentando assim os seus rendimentos.

JSD lança petição pela 1.ª Casa para quem não tem pais ricos

A petição “1.ª Casa – pela criação de um programa para jovens de apoio à compra da primeira casa” foi lançada há dias pela Juventude Social Democrata, com o primeiro subscritor a ser o Secretário-Geral João Pedro Louro. Esta petição surge com o objetivo de dar mais atenção para o tema dramático do acesso à habitação por parte dos jovens e que se possam avançar com novas soluções no Parlamento que ajudem a resolver este problema. Assina online!



LOJAJ



A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos itens que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #2

Mais produtos e mais novidades todos os meses!



Almofada de Praia



Caderno de Notas



Meias



Escolhe a tua Tshirt! Novos modelos brevemente.

Fica atento.



Acede à nossa loja em www.lojajsd.pt

A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUÍ DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

É LARANJA QUE DÓI.

TEMOS PENA.